

Declaramos que nada temos a ver com os pseudo-libertários que ultimamente têm tido um papel essencial na reabilitação de uma linha política justamente votada ao desprezo: a linha PCP-UEC.

Recusamos alianças com militantes políticos e principalmente de partidos com assento no governo. Não embarcamos em pseudo "unidades anti-fascistas" (manobra do PCP-UEC para recuperar o controle do movimento revolucionário). O nosso combate é contra o Capital em todas as suas formas (fascismo, social-democracia, Kapitalismo de Estado). Recusamos aliar-mo-nos a partidos políticos, porque estes não pretendem a destruição da organização mercantil mas a sua simples reconversão. O movimento social dos explorados, forma que assume o movimento anti-capitalista, nada tem a ver com o movimento político dos partidos.

A única classe revolucionária, isto é, consequentemente anti-capitalista é o proletariado. Isto não acontece por qualquer messianismo de classe, mas em virtude de a relação que o proletariado mantém com os meios de produção lhe permitir, para liar ou pêrem movimento toda a economia, coração do capitalismo.

Qualquer outra classe (o campesinato) ou camada (os estudantes), não têm objetivos revolucionários a atingir; pelo contrário, é no campesinato e na pequena e grande burguesia urbana que os partidos recrutam a base social de luta contra a revolução social. A tão falada aliança operário-camponesa representa de facto a aliança da revolução com a contra-revolução, a aliança da Cintura Industrial de Lisboa com a Cintura Verde de Rio Maior, Braga, etc.

Quanto aos estudantes só uma minoria pode ser considerada revolucionária: precisamente os que recusam a condição de estudante, quer passiva (os que faltam às aulas) quer activamente (os que usam o seu tempo em operações de sabotagem da Escola).

É, no meio estudantil, que os diversos partidos recrutam os seus futuros quadros. As Assembleias Magnas, autenticos parlamentos onde tudo se discute e nada se decide, funcionam como estágio de preparação política dos futuros burocratas partidários.

Para nós, linha negra, é indiferente o partido que controla a Associação. Ontem dominava a UEC porque o PC dominava o Estado. Hoje ascende a JS porque o PS é o partido com maior peso político no aparelho de Estado. Consequentemente, as eleições são inevitavelmente uma farça, uma vez que os estudantes escolhem sempre de acordo com os interesses do Estado.

Recusamos alinhar na fantochada da "unidade anti-fascista", não só porque se trata de uma manobra da UEC para recuperar a hegemonia, mas também porque não nos interessa o controlo de uma instituição contra-revolucionária sem qualquer poder.

Não queremos reformar a Escola nem a Associação. Tal como os presos não estão interessados na melhoria das prisões mas na sua destruição — reivindicamos a libertação imediata dos presos de delito comum — também nós não estamos interessados na reforma da instituição que nos oprime (a Escola), mas na sua destruição. A única escola que aceitamos é a da rua, ou seja, a da vida. Aprender é fazer a revolução, é participar na destruição do sistema que consagra a morte quotidiana que nos apresenta como sendo a vida.

Logo que soube o resultado das eleições, a UEC em estreita ligação com os pseudo anarkas, procurou através de uma "unidade anti-fascista" fantoche, o meio de conservar a direcção da AAC. Alheios aos esforços da UEC, elementos da Linha Negra entregavam-se a actos do mais puro vandalismo: distribuição gratuita dos bens de consumo que se encontravam num frigorífico associativo; laranjadas falsificadas, garrafas de vinho a martelo, etc. Tal bastou para reacender os instintos policíescos dos bem comportados meninos da UEC, muito zelosos no respeito da propriedade do Estado. Os pseudo anarkas, fiéis lacaios da UEC, solidarizaram-se com os seus patrões e tentaram ridiculamente boicotar a intervenção oral de um elemento da Linha Negra.

Por ser revelador do subconsciente autoritário destes "libertários", reproduzimos, os "argumentos" que aduziu o chefe dos anarkas para recusar o uso da palavra a um elemento da linha negra que procurava responder a algumas calúnias debitadas por um estalinista da UEC:

..."sou eu quem decide quem pode ou não falar. Eu sou um senhor, tu és um escravo, eu mando, tu obedeces."

E acusado será dizer que tais "argumentos" não convenceram o dito elemento que não renunciou a falar.

Na A.M. a realizar, convocada pelos estalinistas com o objectivo de derrubar a recém-eleita direcção, não renunciaremos a intervir autonomamente, totalmente alheios, embora, à previsível luta pelo poder.

"...Não foi seguramente um homem do partido, que escreveu a Engels a seguinte carta: "Sinto-me feliz com o isolamento em que nos encontramos. Corresponde perfeitamente aos nossos princípios e à nossa posição. O sistema das concessões recíprocas, das nossas medidas consentidas só para salvaguardar as aparências e a obrigação de partilhar publicamente com todos esses burros o absurdo do partido, tudo isso acabou para nós, felizmente." ...E também não foi um homem do partido que lhe respondeu nestes termos: "Como é que pessoas como nós que recusamos solenemente posições oficiais poderíamos sentir-nos à vontade num partido." ... (1)

(1)- Marx-Engels: Cartas de 11 e 13 de Fevereiro De 1851
Citação de " A Ideologia Fria " de Kostas Papaioannou